

## DESIGUALDADE DE GÊNERO: “VOCÊ VAI SÊ MINHA, PRA SEMPRE”

### DESIGUALDAD DE GÉNERO: “SERÁS MI PARA SIEMPRE”

Débora Sousa Martins<sup>1</sup>

#### Resumo

Este trabalho traz a anseia de compreender e averiguar as marcas da desigualdade de gênero que saltam aos olhos no discurso das mulheres de Nova Vista de Goiás. Nessa forma, o objeto de estudo nesse trabalho são os discursos das mulheres de Nova Vista de Goiás- GO, visto que para Bakhtin (2003) o interdiscurso, a história, a ideologia, e o contexto participam ativamente na construção dos sentidos. E esses podem ser analisados via discurso. Assim sendo, o objetivo do estudo é analisar discursivamente as marcas de violência de gênero nas enunciações das mulheres do Povoado de Nova Vista de Goiás – GO, sobre a violência sofrida por elas, ou não, no ambiente familiar. Observar-se a, dessa forma, se aparecem marcas de violência no discurso das colaboradoras. O corpus de análise é composto por enunciados de três (3) colaboradoras do Povoado de Nova Vista- GO, participantes do Curso *Artesanato à mão*. Dessa forma, como recurso teórico-metodológico nos pautaremos nas contribuições da Análise do Discurso Crítico (ADC), principalmente nos estudos de Fairclough (1992[2001]), Wodak e Weiss (2005) e Guimarães (2007). Assim também como nas pesquisas de Pinto (2003, p. 38), Schraiber, D’Oliveira e Couto (2006), Scott, (1996, p.19), Hall (2006, p.12), Foucault (1990) entre outros para abordar, gênero, violência doméstica, identidade e relações de poder. Desse modo, o estudo é de cunho descritivo-interpretativo, na perspectiva qualitativo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Palavras-chave: Gênero, Violência, Discurso, ADC, Mulher, Relações de poder.

#### Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender y conocer las marcas de desigualdad de género que se destacan en el discurso de las mujeres de Nova Vista de Goiás. De esta manera, el objeto de estudio en este trabajo es el discurso de las mujeres de Nova Vista de Goiás-GO, ya que para Bakhtin (2003) el interdiscurso, la historia, la ideología y el contexto participan activamente en la construcción de significados. Y estos pueden analizarse mediante el habla. Por tanto, el objetivo del estudio es analizar discursivamente las marcas de violencia de género en las declaraciones de mujeres de la Povoado Nova Vista de Goiás - GO, sobre la violencia que sufren, o no, en el ámbito familiar. De esta forma, se observan marcas de violencia en el discurso de los colaboradores. El corpus de análisis consta de declaraciones de cuatro (3) colaboradores de la Aldea de Nova Vista-GO, participantes del Curso de Artesanía. Así, como recurso teórico y metodológico nos guiaremos por los aportes del Análisis Crítico del Discurso (ADC), principalmente en los estudios de Fairclough (1992 [2001]), Wodak y Weiss (2005) y Guimarães (2007). Así como en la investigación de Pinto (2003, p. 38), Schraiber, D'Oliveira y Couto (2006), Scott, (1996, p. 19), Hall (2006, p. 12), Foucault (1990) entre otros para abordar, género, violencia doméstica, identidad y relaciones de poder. De esta forma, el estudio es descriptivo-interpretativo, desde una perspectiva cualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Palabras clave: Género, Violencia, Discurso, CDA, Mujeres, Relaciones de poder.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras e Linguística; Universidade Federal de Goiás – UFG; Goiânia – Goiás; Brasil. Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade de Brasília – UnB; Distrito Federal; Brasil, sob a orientação da Dra. Maria Luiza M. Sales Coroa. Contato: [debora.martins@ifgoiano.edu.br](mailto:debora.martins@ifgoiano.edu.br)

## 1. Contextualização

A pesquisa em questão tem como objeto de estudo o discurso sobre as questões relacionadas a violência de gênero, em especial, aquelas cometidas pelos próprios companheiros ou membros do grupo familiar. No cenário nacional, o combate a violência contra a mulher ganhou maior destaque a partir de 1970 com o movimento feminista. “O movimento se expressou de diferentes formas de ação e com graus de radicalidade diversos, dependendo das ideologias a que se propunham” (PINTO, 2003, p. 38).

Ao longo do tempo, teve alguns avanços, como podemos citar, a Lei 11.340 (Código Civil Brasileiro), de 7 de agosto de 2006, a qual cria mecanismo que coíbe a violência doméstica contra a mulher. E a partir da 11.340, todo caso de violência doméstica contra a mulher é considerado crime, passando por inquérito policial, e remetido ao Ministério Público. Além disso, possibilita que o agressor seja preso em flagrante, ou tenha sua prisão preventiva decretada quando ameaçar a integridade física da mulher. Em outros casos, são incluídas medidas de proteção para a mulher e espera-se o afastamento do homem do ambiente familiar. Essas são algumas características da Lei 11.340, a “Lei Maria da Penha”, que entrou em vigor em 22 de setembro de 2006, Nobre & Barreira, (2008)

Daí, surge uma problemática: Com tantas formas de denunciar, quais motivos faz com que as mulheres nem sempre denunciam e se submetem novamente a situações de violência dos parceiros por um longo período. Nesse sentido, o objeto de estudo desse trabalho são os discursos das mulheres de Nova Vista de Goiás- GO, tendo em vista que para Bakhtin (2003) o interdiscurso, a história, a ideologia, e o contexto participam ativamente na construção dos sentidos. E esses podem ser analisados via discurso.

A inquietude em desenvolver o trabalho partiu das discussões desenvolvidas no curso de Extensão intitulado “*Artesanato à mão*”, no qual as cursistas relatavam momentos significativos da vida de cada uma delas. E no discurso delas aparece menções à desigualdade de gênero. Para tanto, nesse trabalho serão analisados os discursos de 3 (três) mulheres (colaboradoras), todas em condições de vulnerabilidade social no que se refere à renda familiar e ao nível de escolaridade. São mulheres de 29 a 45 anos.

## 2. Objetivos

O objetivo desse trabalho é compreender e analisar discursivamente as marcas da desigualdade de gênero nas enunciações das mulheres do Povoado de Nova Vista de Goiás – GO, sobre a violência sofrida por elas no ambiente familiar. Assim também, observar, dessa forma, se aparecem marcas de diferentes tipos de violência no discurso das colaboradoras ao externarem suas narrativas de vida.

## 3. Metodologia

Tendo em vista as nuances do trabalho, as concepções teórico- metodológicas que regem essa pesquisa são da Análise do Discurso Crítico (ADC), na perspectiva de Fairclough (2000; 2001; 2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Wodak (2003), Wodak e Meyer (2001), Van Dijk (2004). Segundo Wodak e Weiss (2005), a ADC – considera a linguagem como parte de uma prática social e “o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial”, além de investigar as relações entre ‘linguagem e poder’. E o discurso é considerado para a ADC, como uma prática de significação de mundo e a linguagem é compreendida como sendo dialeticamente interconectada a outros elementos da vida social (FAIRCLOUGH, 2003).

Os momentos de interação foram capturados durante as aulas em forma de relatos pessoais ou narrativas de vida, Bauer e Gaskell (2017), ou seja, as discussões acontecem coletivamente. De acordo com Flick (2009) é inegável a subjetividade do pesquisador, bem como dos pesquisados, no entanto, é necessário agir com ética e serenidade para que o pesquisador saiba ser o mais imparcial possível ao coletar e analisar os dados. É importante mencionar que os dados foram gerados durante as aulas, no curso de “*Artesanato à mão*”, coordenado e ministrado por mim. Assim, o estudo é de cunho descritivo-interpretativo, na perspectiva qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), e tem como base o modelo analítico tridimensional do discurso, em torno das teorias da ADC que é mesmo tempo teoria e método.

#### 4. Análises e Resultados

Durante as aulas do curso pesquisado, das três colaboradoras trazidas para esse recorte, todas mencionaram em seus relatos, convivência com alguma forma de violência doméstica na família. Desse modo, as colaboradoras foram convidadas a falarem mais sobre fatos marcantes na vida delas. A partir daí, de um modo ou de outro trazem consigo sentimentos fortes e marcas na memória delas de ações submissão, da violência e não valorização do gênero mulher. Vale dizer que os nomes usados são nomes fictícios por questões éticas e para preservar a identidade e os dados pessoais das colaboradoras.

Além disso, é interessante observar as marcas de medo e de dependência que permeiam o discurso delas, como pode ser visto no trecho a seguir:

“Fui casada durante 5 anos e nos últimos dois anos apanhei muito, eram murros, chutes, pontapés, beliscões, até murros no rosto, fui estuprada por meu esposo, diversas vezes, era horrível! Até eu decidi. Eu também comecei a bater muito nele. Era tudo trocado. Risadas! Então, aguentei por muito tempo, porque eu tinha medo de não conseguir me sustentar. Eu tinha duas filhas pequenas”. (Relato da colaboradora Maria em roda de conversa no dia 09 de outubro de 2017)

Nesse caso, pode-se inferir, que há sim, marcas de violência doméstica principalmente no que se refere as condições as quais Maria se submeteu por mais de uma vez, agressões físicas, morais, sexual e psicológicas. Isso pode ser expresso em “*fui estuprada por meu esposo, diversas vezes, era horrível!*”. E como ela mesma diz, “*aguentei por muito tempo, porque eu tinha medo de não conseguir me sustentar. Eu tinha duas filhas pequenas.*” Também temos marcas de naturalização da situação, expressas pelas “*risadas*”. Muito discursivo. No último trecho marcas de poder e dominação por parte do agressor, a mulher é subjugada por ela e pelo parceiro, a partir do poder econômico do homem.

Também é interessante ressaltar que a vítima mesmo na época das agressões, iniciou seu processo de empoderamento, percebendo as agressões, revidando também com violência. No entanto, se submetia as essas condições por medo. E como visto anteriormente por Hall (2003) o sujeito assume diferentes identidade em diferentes momentos, em busca de ‘eu’ coerente. A constituição identitária dessa mulher é influenciada por todas essas situações de impotência diante das opressões sofridas.

Pode-se inferir ainda que as mulheres vítimas de violência de gênero apresentam uma percepção de si em relação ao “outro” e ao “eu”, como acontece nas práticas sociais discursivas, sem que os interlocutores deem conta.

“Namorei 5 anos com a pessoa mais querida e doce do Mundo, era atencioso, querido e carinhoso, conheci ele no meu emprego, e eu tava atravessando uma época muito

difícil da minha vida, tava carente e só, e ele aproveitou disso. Após um tempo, decidimos morar juntos. Na primeira noite em casa, houve uma coisa que me disse: ‘você vai sê minha, pra sempre’. No dia nem liguei”. (Relato da colaboradora Joana em roda de conversa no dia 09 de outubro de 2017)

No trecho acima o agressor apresenta características distintas em diferentes momentos, como afirma Magalhães (2006) a constituição de gênero se dá por meio de uma rede de práticas sociais. E as relações de poder colaboram para a manutenção e o estabelecimento ou mudança nas formas de agir e de ver o mundo, seja nas relações de exploração, dominação e de controle, como desde o início o companheiro queria deixar estabelecido “*Na primeira noite em casa, houve uma coisa que me disse: ‘você vai sê minha, pra sempre’*”. Indicação de posse, propriedade, uma objetivação do agente social.

Assim também pode-se incluir os efeitos ideológicos que cada interlocutor assume no discurso. A colaboradora Joana, na primeira noite, como ela menciona, não se atenta para o sentido, no qual a expressão “*‘você vai sê minha, pra sempre’*” poderia significar com o passar do tempo. É sim, uma forma de poder simbólico que se tornou possível pela cumplicidade das partes, mesmo que apresente uma relutância de um dos lados.

E de acordo com Schraiber, D’Oliveira e Couto (2006), a violência doméstica sofrida em casa, muitas vezes é interpretada como uma situação normal. Isso pode ser expresso pela fala de: “*Eu sempre vi minha mãe e meu pai brigarem. Era rotina. Ela as vezes tinha que esconder a nossa comida, porque ele tinha uns amigo que iam para nossa casa para jogar truço. Eles ficava a noite toda, e a gente ficava sem comida, porque o pai dava tudo para os amigos*”. (Relato da colaboradora Rosinha em roda de conversa em 09 de outubro de 2017). Para ela “*era rotina*”, ou seja, normal, algo cultural, que se perpetua por gerações. É o caso de muitas mulheres que já convivem com a situação de violência desde a infância, dentro do seio familiar. Para tanto, esse tipo de discurso sustenta ainda mais as práticas de violência e fortalecem os agressores que caracterizam as ações como normais e aceitáveis. Essas atitudes são confirmadas nas teorias de Bakhtin (2003), visto o interdiscurso, a história, a ideologia, e o contexto participam ativamente na construção dos sentidos. São fatores e comportamentos historicamente construídos e que passam por valores sociais adquiridos ao longo do tempo, dando legitimidade as práticas agressivas.

Soma-se a isso, o patriarcalismo presente nas relações entre o pai e a família, até mesmo nas decisões de comida. O provedor, o patriarcal era quem decidiu quem seria alimentado com a comida. Mais uma vez, reforçando a divisão de forças, poder e dominação. Ou ainda, como afirma Fairclough (2003, p.42), a interdiscursividade é um tipo de relação externa ao texto, entre dados presentes e outros ausentes, que demanda escolha, “o que é dito em um texto o é sempre em relação ao não-dito”.

Essa exterioridade nos revela, ainda que à revelia de quem a enuncia, muitos valores pessoais e históricos. Também vale ressaltar que nas práticas sociais as relações não se dão de forma tranquila, visto que ao exercer o poder há sempre uma força centrípeta, como é o caso da resistência apresentada pelas colaboradoras na maioria dos relatos.

Isso pode ser visto nos enunciados de Maria, “*Eu também comecei a bater muito nele. Era tudo trocado. Risadas!*”, Assim, ela também resiste, estabelecendo nova rede de poder e resistência e porque não dizer empoderamento diante da situação de dominação. Nesse caso, seria a reação, o desenvolvimento crítico da agente social sobre as condições e contexto de vida. Além do mais, a prática submissão à violência estabelece outras formas de combate, isto é, mesmo que seja na mesma medida.

Portanto, pelos relatos apresentados, confirma-se que o conceito de gênero é definido como “um elemento constitutivo de relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, assim o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” Scott, (1996, p.19).

## 5. Conclusões

A partir dos apontamentos feitos, percebe-se que a violência de gênero é produzida e reproduzida nas relações de poder, e quando a ordem masculina se sente ameaçada a violência aparece como um mecanismo que tem o poder de manter a ordem estabelecida, de controle, dominação. O grande desafio no enfrentamento da violência contra a mulher, como foi expresso nos relatos das colaboradoras, é a efetivação de uma rede de serviços para atendê-las de fato, e integrá-las aos diferentes programas e projetos, consolidando uma política social de atendimento. Os serviços existentes ainda não conseguem atender as mulheres de forma integral.

Portanto, pode-se dizer que as mulheres mesmo com várias formas de punição aos agressores, como é o caso da Lei Maria da Penha, ainda não denunciam em sua totalidade. Os motivos, os quais levam as mulheres a não denunciarem são diversos, desde a normalidade com a convivência da violência desde a infância, ou seja, “minha mãe sofria eu também preciso resistir”, até mesmo por falta de recursos financeiros. Essa última, se caracteriza pelo medo que a mulher tem de não ter as condições mínimas de sobrevivência e por ter filhos pequenos envolvidos na relação. Assim sendo, comprova-se que na tessitura discursiva das mulheres de Nova Vista de Goiás existem várias marcas de violência de gênero e que elas ainda precisam ser submetidas a um acompanhamento profissional para amenizar os sentimentos e sofrimentos ainda presentes na memória.

## Referências

- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAGALHAES, M. I. *Discurso, ética e identidades de gênero*. In: I. Magalhães, M. J. Coracini e M. Grigoletto. *Prática identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 71-96.
- NOBRE, M. T.; BARREIRA, C. Controle social e mediação de conflitos: As delegacias da mulher e a violência doméstica. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 10, nº 20, jul./dez. 2008, p. 138-163.
- PINTO, C. R. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro)

SANTI, L. N., NAKANO, A. M. S. & LETTIERE, A. Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. *Texto Contexto Enferm.*, 19(3), 2010, 417-424.

SCHRAIBER, L. B., D'Oliveira, A. F. P. L, Couto, M. T., Hanada, H., Kiss, L., B, Durand, J., G., Puccia, M. I, & Andrade, M. C. Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, 41(3), 2007, p. 359-367.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1996.

WODAK, R.; WEISS, G. *Analyzing European Union Discourses*. In: R. Wodak; P. Chilton. *A new agenda in (critical) discourse analysis*. John Benjamins, 2005.